



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
COORDENAÇÃO DE PESQUISA**

PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSAS DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA – PIBIC

EFEITOS DAS MÁSCARAS FACIAIS NA INTERAÇÃO: LINGUAGEM E EMOÇÕES

EFEITOS DAS MÁSCARAS FACIAIS NA PALATALIZAÇÃO DE OCLUSIVAS

Linguística

Sociolinguística

Produção e percepção
sociolinguística

Relatório Final

Período da bolsa: de 09/2021 a 08/2022

Este projeto é desenvolvido com bolsa de iniciação científica
PIBIC/CNPq

Orientadora: Raquel Meister Ko Freitag
Bolsista: Neyriane Santos da Conceição

RESUMO

A COVID-19 trouxe mudanças significativas para a sociedade, devido a esse vírus o uso de máscaras faciais passou a ser obrigatório em todas as comunidades, e, de acordo com Freitag e Tejada (2022), esse uso pode instaurar mudanças na língua implicando em compensação linguística podendo afetar a produção dos sons bilabiais /p,b,f,v,m/. Assim, este trabalho tem como objetivo avaliar os efeitos das máscaras faciais enquanto catalisador da implementação da palatalização das consoantes /t/ e /d/ em ambiente regressivo (diante de vogal fonética [i], vogal fonológica /i/ e semivogal /y/) (SOUZA, 2016; CORRÊA, 2019; SILVA, 2021). A pesquisa foi realizada em duas etapas; na primeira, para obter os valores da realização da palatalização sem o uso de máscaras, foi utilizado uma amostra composta por 17 entrevistas Sociolinguísticas do banco de dados Falares Sergipanos. Na segunda etapa, para quantificar a realização da variável palatal com máscaras, foram feitas 48 gravações de áudio, em uma cabine acústica, sendo 24 gravações sem máscaras e 24 com máscaras. Foram controladas 5 variáveis independentes (sonoridade, contexto anterior, tipo de vogal, tonicidade da sílaba, tempo de curso). Na primeira etapa foram identificados 2032 contextos de “te, ti, di, de”. Na segunda etapa, foram selecionados 30 contextos de “te, ti, di, de” de cada entrevista totalizando 1.440 dados para comparação com os resultados da primeira etapa. Como resultado da primeira etapa, a variante palatal correspondeu a 27.13% do total, sendo mais frequente na consoante surda, depois das fricativas pós-alveolares, na semivogal /y/, em posição postônica e no início do curso. Na segunda etapa, a variante palatal representou 40.14% do total sendo mais frequente na consoante sonora, depois das fricativas pós-alveolares, na semivogal /y/, em posição postônica e no final do curso, contudo o uso de máscaras faciais não interferiu na realização ou não realização da variável palatal.

Palavras-Chave: Palatalização; máscaras faciais; Mudança linguística.

LISTA DE FIGURAS, GRÁFICOS, QUADROS E TABELAS

Figura 1: Ilustração do ponto de articulação das consoantes oclusivas alveolares	6
Figura 2: Ilustração do ponto de articulação da variante palatal	7
Figura 3: Busca de "ti" em um arquivo eaf no ELAN	12
Figura 4: Exemplo de máscara cirúrgica utilizada.	14
Figura 5: Interface do software ELAN com o áudio e transcrição selecionados.....	15
Figura 6: Planilha utilizada no Excel	15

Gráfico 1: Distribuição global das ocorrências de palatalização em entrevistas sociolinguísticas (estudo 1).....	18
Gráfico 2: Distribuição global das ocorrências de palatalização em leitura (estudo 2). 19	
Gráfico 3: Distribuição das ocorrências de palatalização em entrevistas sociolinguísticas (estudo 1) quanto à sonoridade.....	21
Gráfico 4: Distribuição das ocorrências de palatalização em leitura (estudo 2) quanto à sonoridade	22
Gráfico 5: Distribuição das ocorrências de palatalização em entrevistas sociolinguísticas (estudo 1) quanto ao contexto anterior.....	23
Gráfico 6: Distribuição das ocorrências de palatalização em leitura (estudo 2) quanto ao contexto anterior	24
Gráfico 7: Distribuição das ocorrências de palatalização em entrevistas sociolinguísticas (estudo 1) quanto ao tipo de vogal	25
Gráfico 8: Distribuição das ocorrências de palatalização em leitura (estudo 2) quanto ao tipo de vogal.....	25
Gráfico 9: Distribuição das ocorrências de palatalização em entrevistas sociolinguísticas (estudo 1) quanto à tonicidade	26
Gráfico 10: Distribuição das ocorrências de palatalização em leitura (estudo 2) quanto à tonicidade.....	27
Gráfico 11: Distribuição das ocorrências de palatalização em entrevistas sociolinguísticas (estudo 1) quanto ao tempo de curso.....	28
Gráfico 12: Distribuição das ocorrências de palatalização em leitura (estudo 2) quanto ao tempo de curso	28

Quadro 1: Itens lexicais utilizados	13
---	----

Tabela 1: Distribuição da amostra	13
---	----

SUMÁRIO

1	Introdução	5
1.1	A palatalização das consoantes /t/ e /d/	5
1.2	A palatalização regressiva em Sergipe	8
2	Objetivos	11
3	Metodologia	11
3.1	Estudo 1	11
3.2	Estudo 2	12
3.3	Variáveis controladas	16
3.3.1	<i>Sonoridade</i>	16
3.3.2	Contexto anterior	16
3.3.3	<i>Tipo de vogal</i>	16
3.3.4	<i>Tonicidade</i>	17
3.3.5	<i>Tempo de curso</i>	17
4	Resultados e discussões	17
4.1	Sonoridade	20
4.2	Contexto anterior	22
4.3	Tipo de vogal	24
4.4	Tonicidade	26
4.5	Tempo de curso	27
5	Conclusões	29
6	Perspectivas de futuros trabalhos	29
7	Referências bibliográficas	30

1 Introdução

A pandemia de Covid-19 trouxe mudanças significativas para a sociedade; uma delas é o uso de máscaras faciais, que passou a ser obrigatório em todas as comunidades para conter a disseminação do vírus. As máscaras faciais, de acordo com Freitag e Tejada (2022), podem instaurar problemas na comunicação, implicando em compensação linguística podendo afetar a produção dos sons bilabiais /p, b, f, v, m/.

Considerando que a palatalização das consoantes /t/ e /d/ diante de vogal fonológica /i/, vogal fonética [i] derivada de /e/ e semivogal /y/, de acordo com os resultados dos trabalhos realizados em Sergipe por Corrêa (2019), Silva (2021) e Souza (2016), é motivada por fatores internos e externos à língua, este trabalho tem como objetivo avaliar os efeitos das máscaras faciais enquanto catalisador da implementação da palatalização das consoantes /t/ e /d/ em ambiente regressivo (diante de vogal fonética [i], vogal fonológica /i/ e semivogal /y/).

A palatalização regressiva é um fenômeno que vem acontecendo em comunidades de fala de várias partes do Brasil e, em Sergipe, é avaliado com prestígio social (FREITAG; SANTOS, 2016). Assim, considerando o cenário de variação linguística e o uso de máscaras faciais introduzido na sociedade pela pandemia da Covid-19, temos como questão de pesquisa verificar se as máscaras faciais influenciam a palatalização regressiva.

Para isso, foram realizados dois estudos. O estudo 1 teve como objetivo obter os valores de referência na realização da variante palatal na comunidade, a partir da exploração de 17 entrevistas sociolinguísticas do Deslocamento 1 da amostra *Deslocamentos 2020* do banco de dados *Falares Sergipanos* (FREITAG, 2013). O estudo 2, de caráter experimental, teve como objetivo verificar a produção da variante palatal em duas condições, com o uso das máscaras faciais e sem as máscaras faciais, em uma amostra com 48 participantes com o mesmo perfil de deslocamento do estudo 1.

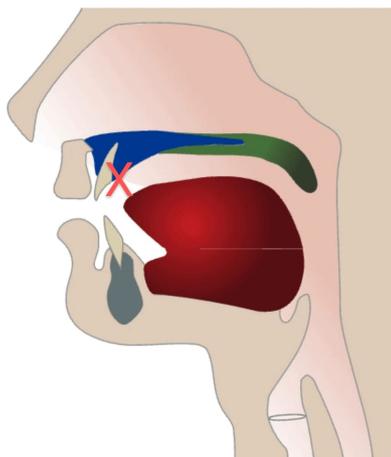
1.1 A palatalização das consoantes /t/ e /d/

A fonologia tem como unidade básica o fonema, que é a menor unidade de distinção entre as palavras: em “mato” e “gato” a alternância entre fonemas

/m/ e /g/ muda o significado das palavras. Contudo, há contextos onde fonemas podem variar sua realização fonética sem que o significado da palavra mude; situação denominada de alofone (CALLOU; LEITE, 2009). Os fonemas /t/ e /d/ diante de vogal fonológica /i/, vogal fonética [i] derivada de /e/ e semivogal /y/ que podem ser realizados como oclusiva alveolar ou palatal, como em tia /tia ~ tʃia/ e dia /dia ~ dʒia/, ilustram a alofonia.

Fisiologicamente, a palatalização decorre de um processo de abaixamento do palato e constrição. O ponto de articulação das consoantes oclusivas alveolares é nos alvéolos, ou nos dentes, conforme a Figura 1, na articulação do som, a língua (articulador ativo) se move em direção aos alvéolos/dentes (articuladores passivos).

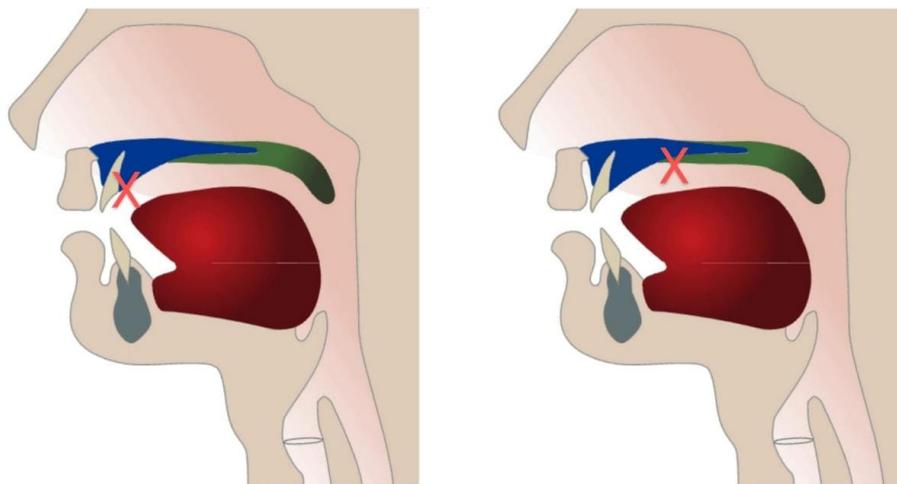
Figura 1: Ilustração do ponto de articulação das consoantes oclusivas alveolares



Fonte: Adaptado de Fonologia.org., 2021

A variante palatal, por sua vez, adquire características da vogal alta seguinte /i/ passando a ter seu ponto de articulação no palato. A figura 2 mostra a língua (articulador ativo) indo em direção ao palato (articulador passivo).

Figura 2: Ilustração do ponto de articulação da variante palatal



Fonte: Adaptado de Fonologia.org., 2021.

A palatalização é um processo amplamente estudado no Português do Brasil. Destacamos os estudos de Abaurre e Pagotto (2013) e Battisti (2011), que foram feitos em diferentes comunidades de fala do Brasil e mostram as variáveis que favorecem a palatalização regressiva.

Abaurre e Pagotto (2013) estudaram a realização das consoantes /t/ e /d/ diante de vogal /i/ em cinco capitais brasileiras: Rio de Janeiro, Salvador, Recife, Porto Alegre e São Paulo, em amostra constituída por 40 participantes, 8 de cada capital, do projeto NURC (Norma Urbana Culta), todos com educação superior. Em relação à **faixa etária**, os mais jovens fizeram maior uso da variante palatal; em relação à **cidade** o Rio de Janeiro e Salvador foram os que mais se destacaram no uso da variante palatal, com 100% de 844 ocorrências e 85% de 755 ocorrências respectivamente; no **contexto precedente**, a fricativa alveolar /s/ favoreceu mais a realização da variante palatal, com 89% de 206 ocorrências; quanto ao **tipo de vogal**, com 68% de 514 ocorrências a glide em ditongo crescente favoreceu mais a realização da variante palatal; em relação a **sonoridade**, a consoante surda /t/ favoreceu a realização da variante palatal com 64% de 1.813.

Battisti (2011) realizou a pesquisa na comunidade de fala de Flores da Cunha (RS), com uma amostra constituída por 48 participantes, com diferentes níveis de escolarização. Em relação à **faixa etária**, os mais jovens fazem maior uso da variante palatal; quanto à **localidade**, os moradores da zona urbana fazem maior uso da variante palatal; **quanto ao tipo de vogal**, a vogal fonológica favoreceu mais a variante palatal e quanto a sonoridade, a consoante surda /t/ foi a que mais favoreceu a realização da variante palatal.

Estes estudos mostram os efeitos dos condicionamentos sociais e linguísticos no processo de palatalização.

1.2 A palatalização regressiva em Sergipe

Souza (2016) estudou a palatalização das consoantes /t/ e /d/ em três comunidades do estado de Sergipe, sendo elas: Aracaju, Itabaiana e Lagarto, tendo como objetivo identificar o uso da variante palatal. Para isto, utilizou 60 entrevistas sociolinguísticas do banco de dados Falares Sergipanos, todas com estudantes universitários. Embora as entrevistas durem em média 60 minutos, porém, só foram consideradas as 50 primeiras ocorrências do fenômeno de cada entrevista, totalizando 3.000 ocorrências, das quais 12% são de realização palatal.

As variáveis linguísticas controladas foram: contexto precedente, contexto seguinte, sonoridade, tipo de vogal, tonicidade da sílaba e posição da sílaba na palavra. Quanto ao **contexto precedente**, as fricativas alveolares [s, z] tiveram maior efeito na palatalização com 30% de ocorrências; em relação à **tonicidade**, a sílaba postônica não final teve maior efeito na palatalização, com 25% de ocorrências; em relação à **sonoridade**, a consoante surda /t/ teve maior efeito na palatalização, com 13,9% de ocorrências. Quanto às variáveis sociais, em relação ao **gênero**, as mulheres fizeram maior uso da variante palatal, com 14,5% das ocorrências, os homens, por sua vez, realizaram 9,5% das ocorrências. Quanto ao **fator geográfico**, Aracaju apresentou maior porcentagem de realização da variante palatal com 21,7% das ocorrências, enquanto Itabaiana teve 7,7% das ocorrências e Lagarto 6,6% das ocorrências.

Esse estudo mostrou que em Aracaju a variante palatal ocorre com maior frequência, se comparada com as outras duas comunidades de fala, se alinhando ao que Battisti (2011) mostrou como efeito da capital e do interior no processo.

Em busca de mais efeitos das diferenças geográficas na variação, o estudo de Corrêa (2019) contou com uma amostra de 64 entrevistas de estudantes de quatro deslocamentos sociais, sendo eles: I) pessoas que nasceram, foram criados e residem na grande Aracaju; II) pessoas que nasceram e foram criadas no interior do estado, mas se deslocam no movimento pendular para estudar na universidade; III) pessoas que nasceram e foram criados no

interior, mas se mudaram para a capital para estudar na universidade; IV) pessoas que nasceram e foram criados em outros estados, mas se mudaram para Aracaju para estudar na universidade. Além disso, o estudo visou verificar se o tempo de curso influencia na realização das consoantes /t/ e /d/ na comunidade de práticas da Universidade Federal de Sergipe.

Neste estudo, foram analisados 12.800 dados, sendo 200 ocorrências de cada entrevista, das quais 27% foram de realização palatal. As variáveis controladas foram: contexto precedente, contexto seguinte, tipo de vogal, tonicidade da sílaba e sonoridade, sexo/gênero, tempo de curso/inserção na comunidade e deslocamento. Quanto ao tipo de **condicionador linguístico** a semivogal /y/ teve maior porcentagem de ocorrências de palatais com 76,6% de 210 ocorrências; na **tonicidade** a sílaba postônica não final teve maior porcentagem de ocorrências de palatais com 32,7% de 462 ocorrências; ao **contexto anterior** as fricativas alveolares tiveram maiores porcentagens com 56,4% de 172 ocorrências; no **contexto posterior** a vogal posterior teve maior porcentagem com 53,9% de 421 ocorrências; no **tempo de curso** ao final do curso a porcentagem de realizações palatais são maiores com 28,6% de 6.400 ocorrências; quanto ao **deslocamento** o deslocamento IV teve maior porcentagem com 68,1% de 3.200 ocorrências; ao sexo/gênero os homens fizeram maior uso da variante palatal com 31,7% de 6.400 ocorrências;. Em conclusão, apesar de mulheres e homens apresentarem um aumento do uso da variante palatal ao final do curso, são as mulheres que ao final palatalizam mais.

Os dois estudos reportados seguiram os mesmos padrões de procedimentos para coleta e análise de dados, com recorte de variável para análise binária e de oitiva; é interessante observar que, apesar do curto período de tempo entre uma pesquisa e outra, houve um aumento das realizações da variante palatal nesta comunidade de 12% para 27%, sugerindo o avanço do processo de mudança na comunidade.

Avançando na descrição do fenômeno por outra perspectiva de análise, Silva (2021) estuda a palatalização em três níveis, oclusiva alveolar [t, d], oclusiva alveolar com efeito de aspiração [t^h] e alveolopalatal [tʃ, dʒ]. E, ao invés de entrevistas sociolinguísticas, a amostra é constituída por 36 gravações de leituras em voz alta por estudantes da Universidade Federal de Sergipe. O objetivo do estudo é analisar as características acústicas na palatalização de /t/

e /d/ na leitura, um ambiente mais controlado, para comparação com os resultados de Corrêa (2019), com fala espontânea, a fim de verificar a influência do monitoramento estilístico no processo de palatalização.

O perfil social dos estudantes abarca três deslocamento: I) estudantes que nasceram, foram criados e moram na grande Aracaju; II) estudantes que nasceram e moram no interior mas se deslocam em movimento pendular para estudar na universidade; III) estudantes nascido e criados no interior, mas que se mudaram para a capital para estudar na universidade.

Os dados obtidos foram analisados acusticamente: 831 ocorrências de /t/ e /d/ diante de /i/, dessas 831 ocorrências 407 foram palatalizadas, o que corresponde a 48,98%. Se comparado com os estudos anteriores é um grande aumento. Contudo, deve-se levar em consideração que os procedimentos metodológicos foram diferentes, além de serem dados de leitura, que é já é uma situação estilística altamente monitorada, a coleta foi realizada em uma cabine acústica, reforçando o monitoramento e, por isso, a palatalização, uma vez que estudos em perspectiva de avaliação sugerem o prestígio social do fenômeno (SANTOS; FREITAG, 2016).

Quanto aos condicionadores, Silva (2021) obteve os seguintes resultados: quanto ao **deslocamento**, estudantes do deslocamento I estão mais adiantados na emergência da palatalização; **tempo de curso**, na leitura os estudantes do início do curso fizeram mais uso da variante palatalizada; **sexo/gênero** não teve resultado estatisticamente significativo; **contexto anterior** as fricativas alveolopalatais são as que mais favorecem a realização da variante palatalizada; **contexto posterior**, as vogais orais foram as que mais favoreceram a realização da variante palatalizada; **tonicidade**, as sílabas tônicas favorecem a realização das alveolopalatais, enquanto as sílabas postônicas finais favorecem as realizações das oclusivas aspiradas; **vozeamento**, apesar de as consoantes oclusivas alveolares vozeadas terem apresentado maiores realizações alveolopalatais, nas oclusivas alveolares desvozeadas, diferente das vozeadas, notou-se a presença da oclusiva aspirada, o que pode representar uma transição entre as oclusivas alveolares e as palatais.

Os resultados de Silva (2021) mostram que a leitura impulsiona o processo da palatalização na comunidade. Em conjunto, os estudos de Souza (2019), Corrêa (2019) e Silva (2021) evidenciam que, assim como outras

variações na língua, a palatalização não acontece de forma assimétrica, ou ao acaso, é motivada por fatores linguísticos e extralinguísticos.

2 Objetivos

No escopo do projeto “Efeitos das máscaras faciais na interação: linguagem e emoções”, juntamente com outros estudos que visam analisar os efeitos de máscaras faciais na comunicação (FREITAG; TEJADA, 2022; COSTA; FREITAG; TEJADA, 2023), este plano de trabalho tem como objetivo avaliar os efeitos das máscaras faciais enquanto catalisador da implementação da palatalização das consoantes /t/ e /d/ em ambiente regressivo.

3 Metodologia

Este trabalho foi constituído em duas etapas, em dois estudos. O primeiro estudo teve como objetivo encontrar o valor de referência desta comunidade na realização das consoantes /t/ e /d/ diante de vogal alta /i/. Após essa primeira etapa, o estudo dois teve como objetivo avaliar o efeito das máscaras faciais na realização dessas consoantes. As gravações do segundo estudo foram feitas com e sem máscaras, os resultados do estudo 1 foram comparados com os resultados do estudo 2. Atendendo aos preceitos da Ciência Aberta (FREITAG et al., 2021), os conjuntos de dados utilizados e os scripts de análise estão disponíveis em <<https://osf.io/yhve8/>>.

3.1 Estudo 1

Para obter valores de referência da comunidade de fala da Universidade Federal de Sergipe, foram selecionadas 17 entrevistas da amostra *Deslocamentos 2020* do banco de dados *Falares Sergipanos* (FREITAG, 2013). Essas entrevistas fazem parte do deslocamento I que é composto por estudantes da Universidade Federal de Sergipe que nasceram e foram criados na região metropolitana de Aracaju, abrangendo Aracaju, Barra dos Coqueiros, Nossa Senhora do Socorro e São Cristóvão.

Para a busca dos dados nas entrevistas foi utilizado o software gratuito ELAN (HELLWIG; GEERTS, 2013). Para encontrar as ocorrências das consoantes /t/ e /d/ diante de vogal fonética [i], fonológica /i/ e semivogal /y/, foram utilizadas as rotinas de pesquisa: “buscar” e em seguida “buscar em vários

.eaf”, nesse momento foi necessário criar um domínio, que consiste em selecionar o arquivo de áudio e transcrição que deseja trabalhar. Com o áudio e a transcrição selecionados, no campo de busca foram colocados os comandos “ti”, “ti”, “te”, “de”, “di”, nessa ordem. Como resultado, o software apresenta uma lista das ocorrências para cada comando, como ilustrado na figura 3.

Figura 3: Busca de "ti" em um arquivo eaf no ELAN

N	Arquivo	Tripla	Antes	Anotação	Depois	Mãe	Derivada	Tempo inicial	Tempo final	Duração
1	SMP12MF	SMP12MF	elas chegaram	assisti um filme	elas gostam di...			00:00:27.115	00:00:28.345	00:00:01.230
2	SMP12MF	SMP12MF	elas querem d...	eu tinha dinheiro	a viagem acabou			00:01:05.140	00:01:06.320	00:00:01.180
3	SMP12MF	SMP12MF	não elas vivem	minha tia caiu	ela depende do...			00:01:24.480	00:01:25.680	00:00:01.200
4	SMP12MF	SMP12MF	ele acordou di...	eles tiveram gripe	a internet parou			00:02:02.435	00:02:03.875	00:00:01.440
5	SMP12MF	SMP12MF	eles ficam tristes	ele tinha doce	aquela carro m...			00:02:18.600	00:02:19.760	00:00:01.160
6	SMP12MF	SMP12MF	já é meio dia	moro com minha tia	a universidade ...			00:02:38.945	00:02:40.335	00:00:01.390
7	SMP12MF	SMP12MF	a universidade	Fernando é aquele tipo de homem	que desde jove...			00:02:49.130	00:02:51.190	00:00:02.060
8	SMP12MF	SMP12MF	para quere...	Fernando é aquele tipo de homem	que desde jove...			00:03:06.790	00:03:08.390	00:00:01.600
9	SMP12MF	SMP12MF	pesquisando a...	falam das melhores ofertas que tiveram na internet	então			00:03:23.880	00:03:27.260	00:00:03.380
10	SMP12MF	SMP12MF	vieram muitas	como Fernando ainda mora com a tia	e depende dela...			00:03:38.905	00:03:41.265	00:00:02.360

Fonte: Elaboração própria.

Após a busca, foi realizada a audição de oitiva pela pesquisadora, a fim de classificar a variável categorizando-a como oclusiva alveolar ou palatal. O resultado da categorização foi salvo em uma planilha e foram seguidos os procedimentos definidos por Freitag (2020a) para análise quantitativa de variáveis categóricas.

3.2 Estudo 2

Após obter o parâmetro de realização na comunidade da variável palatal, na segunda fase, que tem caráter experimental com o objetivo de avaliar o efeito das máscaras faciais na realização das consoantes /t/ e /d/ diante de vogal alta /i/, procedeu-se à elaboração de uma rotina de coleta de dados.

Para isso, foram criados estímulos linguísticos com distratores, a serem apresentados aos colaboradores em pranchas. Foram produzidas 34 pranchas com os estímulos, totalizando 30 contextos de consoantes /t/ e /d/ diante de vogal fonética e fonológica /i/ e semivogal /y/. O quadro 1 apresenta os itens lexicais que foram utilizados na elaboração das pranchas de estímulos.

Quadro 1: Itens lexicais utilizados

Item lexical	/ Repetições	Exemplos de distratores utilizados		
assisti	1	jovem	terminou	internet
internet	3	saiu	meu	lindas
tinha	2	eles	celular	eram
tia	3	chegaram	foram	dançar
tipo	1	filme	comer	somos
tiveram	2	elas	estou	bons
gente	2	gostam	ensino	amigos
diferente	2	que	querem	vivem
diferentes	1	dia	brincar	ali
depende	2	lindo	acordou	caiu
dia	3	passaram	gripe	pai
dinheiro	1	mal	parou	vieram
médio	4	viagem	parece	agora
diferente	2	acabou	ficam	ficaram
diferentes	1	usei	doce	juntos

Fonte: Elaboração própria.

Após a elaboração dos estímulos, passou-se ao recrutamento de estudantes que se encaixassem nos critérios delimitados nesta pesquisa, ou seja, estudantes da Universidade Federal de Sergipe nascidos e residentes da grande Aracaju, entre 16 e 30 anos. O período de gravação ocorreu entre os dias 07 e 15 de junho de 2022 (período em que a Universidade Federal de Sergipe estava em funcionamento híbrido devido à pandemia da Covid-19, limitando drasticamente a quantidade de estudantes) e 24 estudantes colaboraram com a pesquisa.

Tabela 1: Distribuição da amostra

Tempo de curso	Feminino	Masculino
Início	5	8
Final	4	7

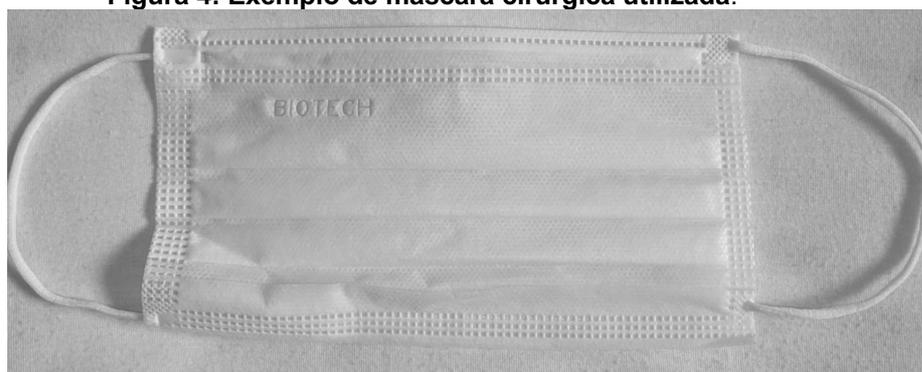
Fonte: Elaboração própria.

A amostra apresenta distribuição não homogênea, o que inviabiliza a realização de generalizações para perfis sociais.

Os voluntários preencheram uma ficha com os seus dados, como nome, idade, sexo e curso, e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para a participação (CAAE: 48662721.3.0000.5546). A gravação foi realizada no Laboratório Multiusuário de Informática e Documentação (LAMID), em uma cabine acústica, onde os participantes foram, individualmente, instruídos a sentarem em uma cadeira em frente a um computador em que as prancha com

as frases-estímulo deveriam ser lidas após a saída do pesquisador da sala e a porta ser fechada. O gravador marca Zoom modelo H4n, foi posicionado frontalmente a 45 cm de distância, para melhor captar o áudio produzido em situação próxima à espontânea. Cada participante realizou duas sessões de gravação leitura, utilizando os mesmos estímulos randomizados, a primeira gravação sem máscara e a segunda com o uso da máscara cirúrgica. Cada gravação tem, em média, 3 minutos de duração.

Figura 4: Exemplo de máscara cirúrgica utilizada.

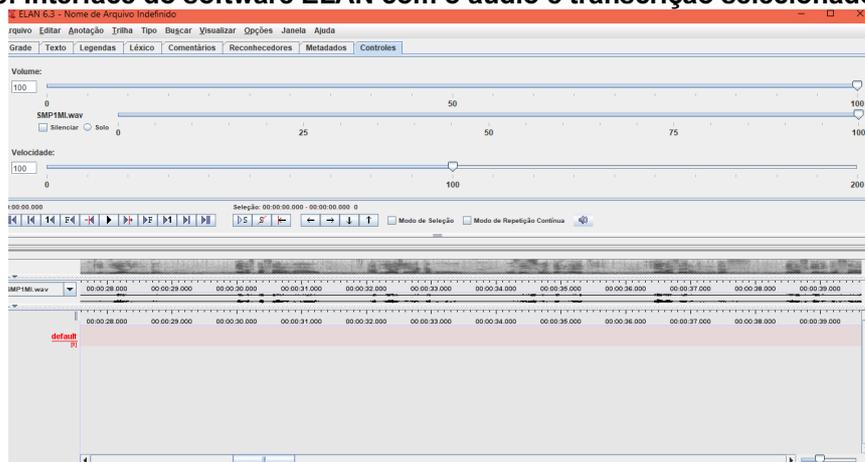


Fonte: Elaboração própria.

Para fins de armazenamento e compartilhamento, os áudios, gravados em formato *.wav, foram nomeados contendo as informações de metadados: condição (com ou sem máscara), número do participante, sexo e tempo de curso, preservando a identidade do participante: por exemplo SMP1FI.

Foi utilizado o software ELAN (HELLWIG; GEERTS, 2013) para transcrição dos áudios. O procedimento consiste em, na aba “arquivo” e em seguida “novo”, selecionar o áudio desejado para transcrição, que aparecia numa tela como a da figura 5. Para cada tipo de transcrição, é criada uma trilha (aba trilha > nova trilha), e assim foi feito para a transcrição de todos os áudios.

Figura 5: Interface do software ELAN com o áudio e transcrição selecionados



Fonte: Elaboração própria.

Após os áudios transcritos, com o auxílio da ferramenta de busca do software ELAN, foi possível encontrar as ocorrências das consoantes /t/ e /d/ diante de vogal /i/ e categorizá-las, a partir de uma análise impressionística, como oclusiva alveolar ou palatal numa planilha do Excel - figura 6.

Figura 6: Planilha utilizada no Excel

The screenshot shows an Excel spreadsheet with a table containing linguistic data. The table has 15 columns labeled A through N. The data rows start from row 1 and go down to row 22. The first column (A) contains the word 'deslocamento'. The second column (B) contains 'tempo_de_curso'. The third column (C) contains 'informante'. The fourth column (D) contains 'sexo'. The fifth column (E) contains 'fenômeno'. The sixth column (F) contains 'condição'. The seventh column (G) contains 'contexto'. The eighth column (H) contains 'variável_depend'. The ninth column (I) contains 'vozeamento'. The tenth column (J) contains 'item_lexical'. The eleventh column (K) contains 'classe_gramatic'. The twelfth column (L) contains 'contexto_anterior'. The thirteenth column (M) contains 'contexto_seguinte'. The fourteenth column (N) contains 'posição'. The data rows contain various linguistic annotations and phonetic details.

	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L	M	N
1	deslocamento	tempo_de_curso	informante	sexo	fenômeno	condição	contexto	variável_depend	vozeamento	item_lexical	classe_gramatic	contexto_anterior	contexto_seguinte	posição
2	um	inicio	SMP1MI	masculino	palatalização	sem máscara	frase	oclusiva alveolar surda	assisti	verbo	fricativa alveolar	vogal nasal	post	final
3	um	inicio	SMP1MI	masculino	palatalização	sem máscara	frase	palatal	surda	internet	substantivo	vogal oral media	vazio	final
4	um	inicio	SMP1MI	masculino	palatalização	sem máscara	frase	palatal	surda	internet	substantivo	vogal oral media	oclusiva bilabial	final
5	um	inicio	SMP1MI	masculino	palatalização	sem máscara	texto	palatal	surda	internet	substantivo	vogal oral media	baixa	final
6	um	inicio	SMP1MI	masculino	palatalização	sem máscara	frase	palatal	surda	tinha	verbo	vogal oral poster nasal	palatal	voz inicio
7	um	inicio	SMP1MI	masculino	palatalização	sem máscara	frase	palatal	surda	tia	substantivo	vogal oral centra	vogal central	inicio
8	um	inicio	SMP1MI	masculino	palatalização	sem máscara	frase	oclusiva alveolar surda	tiveram	verbo	fricativa alveolar	fricativa labiodental	inicio	
9	um	inicio	SMP1MI	masculino	palatalização	sem máscara	frase	oclusiva alveolar surda	tinha	verbo	vogal oral anterior	nasal	palatal	voz inicio
10	um	inicio	SMP1MI	masculino	palatalização	sem máscara	frase	palatal	surda	tia	substantivo	vogal oral centra	vogal oral centra	inicio
11	um	inicio	SMP1MI	masculino	palatalização	sem máscara	texto	oclusiva alveolar surda	tipo	substantivo	vogal oral anterior	oclusiva bilabial	inicio	
12	um	inicio	SMP1MI	masculino	palatalização	sem máscara	texto	oclusiva alveolar surda	tiveram	verbo	vogal oral anterior	fricativa labiodental	inicio	
13	um	inicio	SMP1MI	masculino	palatalização	sem máscara	texto	oclusiva alveolar surda	tia	substantivo	vogal oral centra	vogal oral centra	inicio	
14	um	inicio	SMP1MI	masculino	palatalização	sem máscara	frase	palatal	surda	gente	pronome	vogal nasal ante	oclusiva alveolar	final
15	um	inicio	SMP1MI	masculino	palatalização	sem máscara	frase	palatal	surda	diferente	adjetivo	vogal nasal ante	vazio	final
16	um	inicio	SMP1MI	masculino	palatalização	sem máscara	frase	palatal	surda	diferente	adjetivo	vogal nasal ante	vazio	final
17	um	inicio	SMP1MI	masculino	palatalização	sem máscara	texto	oclusiva alveolar surda	diferentes	adjetivo	vogal nasal ante	fricativa alveolar	final	
18	um	inicio	SMP1MI	masculino	palatalização	sem máscara	texto	oclusiva alveolar surda	gente	substantivo	vogal nasal ante	oclusiva bilabial	final	
19	um	inicio	SMP1MI	masculino	palatalização	sem máscara	frase	oclusiva alveolar sonora	depende	verbo	vogal nasal ante	oclusiva alveolar	final	
20	um	inicio	SMP1MI	masculino	palatalização	sem máscara	frase	oclusiva alveolar sonora	universidade	substantivo	vogal oral centra	vogal oral anterior	final	
21	um	inicio	SMP1MI	masculino	palatalização	sem máscara	texto	oclusiva alveolar sonora	depende	verbo	vogal nasal ante	oclusiva alveolar	final	
22	um	inicio	SMP1MI	masculino	palatalização	sem máscara	frase	oclusiva alveolar sonora	dia	substantivo	vogal oral anterior	vogal oral centra	inicio	

Fonte: Elaboração própria.

Como procedimentos de análise quantitativa, tanto no estudo 1 como no estudo 2, foram realizados procedimentos de contagem e frequência de cada variável, de acordo com o tutorial de Freitag (2020a) para análise quantitativa de variáveis categóricas.

3.3 Variáveis controladas

A variável dependente controlada foi a realização oclusiva alveolar *versus* a realização palatal das consoantes /t/ e /d/ diante de vogal fonológica /i/, vogal fonética [i] e semivogal /y/, nos estudos 1 e 2. E, para verificar os efeitos de fatores internos e externos na realização da palatalização, controlamos cinco variáveis independentes: sonoridade, contexto anterior, tipo de vogal, tonicidade e tempo de curso.

3.3.1 Sonoridade

A hipótese para esta variável independente é que as realizações palatais sejam mais frequentes na consoante surda /t/, isso porque, provavelmente, a variante palatal entre no sistema através da consoante surda (CORRÊA, 2019), estudos anteriores apresentam a consoante oclusiva alveolar desvozeada /t/ com maior realização da variável palatal (SOUZA, 2016; CORRÊA, 2019).

3.3.2 Contexto anterior

O contexto anterior diz respeito a qualquer segmento que vem antes das consoantes /t/ e /d/. Nesta pesquisa controlamos seis contextos anteriores: fricativa alveolar [s, z]; fricativa pós-alveolar [ʃ, ʒ]; fricativa glotal [h, ɦ]; pausa; vogal nasal [ã, ã, ã, õ, õ] e vogal oral [a, e, i, o, u].

Devido ao ponto de articulação serem próximos, a hipótese para esta variável é que quando as fricativas alveolares antecederem as consoantes /t/ e /d/ a realização mais frequente seja a palatal.

3.3.3 Tipo de vogal

Tipo de vogal é a vogal que segue as consoantes /t/ e /d/ visando identificar qual vogal provoca mais a realização palatal. Nesta pesquisa elas podem ser fonológicas /i/ derivado de /e/ (ajuste, universidade), fonéticas [i] (assisti, aprendi) ou semivogal (tio, médio). Seguindo estudos anteriores em Sergipe (CORRÊA, 2019) e em outras comunidades de fala (ABAURRE; PAGOTTO, 2013), nossa hipótese para essa variável é que diante de semivogal /y/ a realização palatal apareça com maior frequência.

3.3.4 Tonicidade

Tonicidade diz respeito à posição da sílaba numa frase, e sua força ao ser pronunciada. No caso da palatalização, diz respeito à posição das consoantes /t/ e /d/ nas palavras controladas: tônica (*assisti*, *armadilha*), pretônica (*cativoiro*, *dinheiro*), postônica (*diferente*, *universidade*).

Seguindo os estudos anteriores (SOUZA, 2016; CORRÊA, 2019) assumimos como hipótese para esta variável que em palavras onde as consoantes /t/ e /d/ estão em posição postônica, como em “gente” e “universidade”, a realização palatal ocorra com maior frequência.

3.3.5 Tempo de curso

Tempo de curso se refere ao tempo de inserção do discente na comunidade de fala da Universidade Federal de Sergipe. Dado que a variante palatal é associada ao prestígio e bem avaliada socialmente, tomamos como hipótese que o tempo de curso influencia na realização das consoantes /t/ e /d/, pois quanto maior o tempo do estudante no curso, maior a possibilidade do contato com a comunidade, permitindo o desenvolvimento de repertórios linguísticos alinhados ao padrão de prestígio na comunidade (CORRÊA, 2019).

4 Resultados e discussões

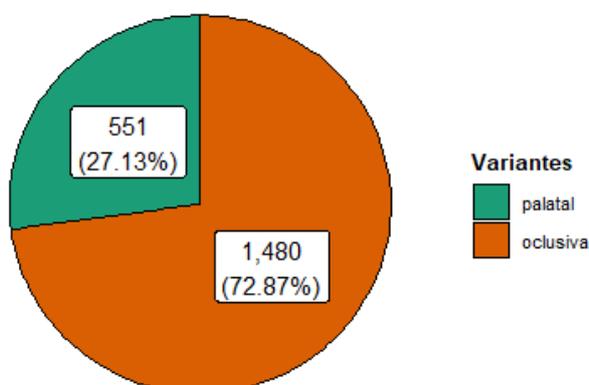
A primeira etapa do desenvolvimento desta pesquisa consiste em estabelecer o parâmetro da palatalização em entrevistas sociolinguísticas (estudo 1). A amostra utilizada para obter os valores de base dessa comunidade é composta por 17 entrevistas do deslocamento I da amostra *Deslocamentos 2020* do banco de dados *Falares Sergipanos*. Dessas entrevistas foram computadas 2031 ocorrências das consoantes /t/ e /d/ diante de vogal fonológica /i/, fonética [i] derivada de /e/ e semivogal /y/.

O gráfico 1 mostra a distribuição das realizações oclusivas alveolares e das realizações palatais na Universidade Federal de Sergipe nas entrevistas sociolinguísticas.

Gráfico 1: Distribuição global das ocorrências de palatalização em entrevistas sociolinguísticas (estudo 1)

Distribuição das ocorrências das consoantes /t/ e /d/

$$\chi^2_{\text{Gof}}(1) = 424.93, p = 2.06e-94, \hat{C}_{\text{Pearson}} = 0.42, \text{CI}_{95\%} [0.39, 1.00], n_{\text{obs}} = 2,031$$



Fonte: Elaboração própria.

Como podemos ver no gráfico 1, a realização oclusiva alveolar das consoantes /t/ e /d/ é mais frequentes nesta comunidade, como já era esperado (SOUZA, 2016; CORRÊA, 2019), com 72,87% de ocorrências. Se compararmos com os resultados de Corrêa (2019), pode-se notar uma diferença no percentual das realizações palatais nesta comunidade. No deslocamento I, Corrêa (2019) identificou um percentual de 16,7%, enquanto na pesquisa que realizamos, com o mesmo perfil de deslocamento, o percentual identificado foi maior, 27,12%. A amostragem não homogênea não nos permite generalizações que extrapolem as frequências (FREITAG, 2018), no entanto, essa diferença percentual reforça a tendência dos estudos anteriores de que a palatalização é um processo de mudança em progresso na comunidade.

O conjunto de dados do estudo experimental (estudo 2) é composto por 1.440 ocorrências de leitura dos estímulos linguísticos, em duas condições, sem máscara e com máscara. O objetivo do estudo experimental é avaliar os efeitos das máscaras faciais na realização das consoantes /t/ e /d/ diante de vogal fonética e fonológica /i/ e semivogal como impulsionador da variante palatal que, como vimos no resultado do estudo 1, já estava sendo implementada nesta comunidade de fala, antes da pandemia. Temos por hipótese que, por ser uma barreira na frente da corrente de ar, as máscaras faciais podem influenciar na produção dos sons, neste caso, espera-se que com o uso das máscaras a

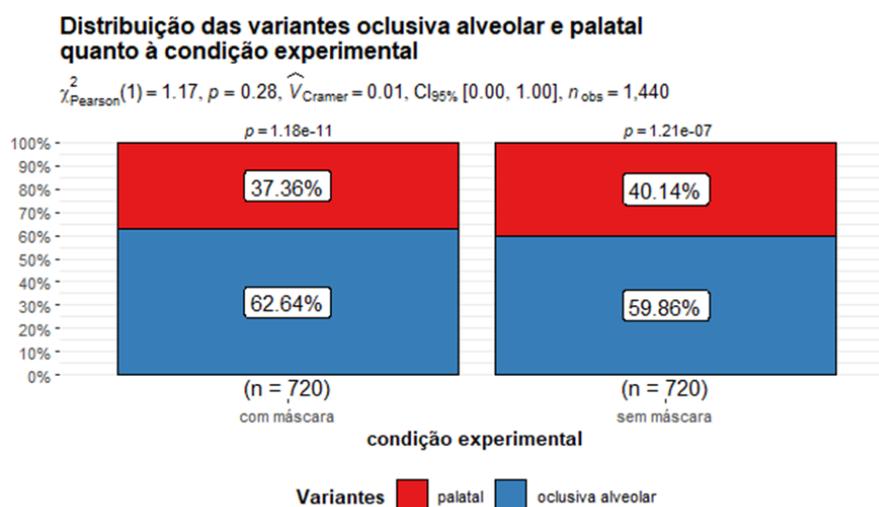
palatalização aconteça com maior frequência devido ao monitoramento e a compensação linguística (FREITAG; TEJADA, 2022).

Inicialmente, precisamos ressaltar que, em função das condições pandêmicas no momento da coleta de dados, há limitações em relação à quantidade de participantes quanto à distribuição e à distribuição dos perfis sociais. A pandemia da Covid-19 e seus efeitos na produção linguística são novos, pouco explorados, assim como as limitações impostas pela pandemia para coletas de dados que envolvam interação entre falantes, como são as coletas para a pesquisa de mudança linguística.

Isso explica por que há uma diferença metodológica entre os dois estudos, uma vez que o estudo 1 toma como amostras entrevistas sociolinguísticas, mais próximas da fala espontânea, e o estudo 2 toma como amostra dados de leitura, que é uma situação de fala monitorada. Silva (2021) realizou um estudo comparativo da palatalização com amostras de leitura em voz alta e de fala espontânea, e obteve como resultado a palatalização sendo mais favorecida pela leitura em voz alta. Freitag (2020b) evidencia que, em situações de maior monitoramento como a leitura, as variáveis que são avaliadas como de prestígio passam para a leitura. É o caso da variante palatal.

Apresentadas as limitações da amostra, passamos aos resultados. O gráfico 2 apresenta os resultados globais da realização das consoantes /t/ e /d/ diante de vogal fonética e fonológica /i/ e semivogal /i/ com os dados do estudo experimental, nas duas condições, com máscara e sem máscara facial.

Gráfico 2: Distribuição global das ocorrências de palatalização em leitura (estudo 2)



Fonte: Elaboração própria.

A diferença entre as condições com e sem máscara não é estatisticamente significativa. Contudo, com uma diferença muito pequena entre as variantes, a realização da variante palatal foi maior sem máscara. Esse resultado se aproxima ao obtido por Silva (2021), em que os dados de leitura em voz alta tiveram 51,02% de realizações oclusivas e 48,98% palatalizadas. Mas, se compararmos com os resultados do estudo 1, podemos notar um aumento no percentual do uso da variante palatal, de 27,12% para 40,14% sem máscara, o que evidencia o prestígio tido por essa variante, uma vez que em um grau de monitoramento maior ela é ainda mais favorecida.

Assim, para explicar a homogeneidade na distribuição, temos duas hipóteses:

1. As gravações foram feitas dentro de uma cabine, com a leitura de frases simples, resultando em alto monitoramento, resultado que se alinha ao que Silva (2021) obteve.
2. A leitura para a segunda gravação (com máscara) era ainda mais rápida, uma vez que os estímulos já eram conhecidos pelos participantes, o que pode ter diminuído o monitoramento. Uma evidência disso é que foram encontradas mais repetições de algumas palavras na segunda leitura, pois a rota de leitura que estava sendo acionada era a lexical (FREITAG, 2020b).¹

Ainda assim, destacamos que o tempo de uso obrigatório de máscaras no decorrer da pandemia não tenha ainda sido o suficiente para impulsionar uma mudança linguística, e os resultados obtidos refletem limitações metodológicas.

A seguir, são apresentados os resultados referentes às variáveis independentes, a fim de observar se há a mesma direção de efeito nas condições com e sem máscaras.

4.1 *Sonoridade*

Controlamos esta variável a fim de saber qual consoante favorece a palatalização, se a consoante oclusiva alveolar surda /t/ ou a consoante oclusiva

¹ Como ilustram esta explicação nos exemplos certos abaixo que foram retirados das gravações do um mesmo participante, com os mesmos estímulos:

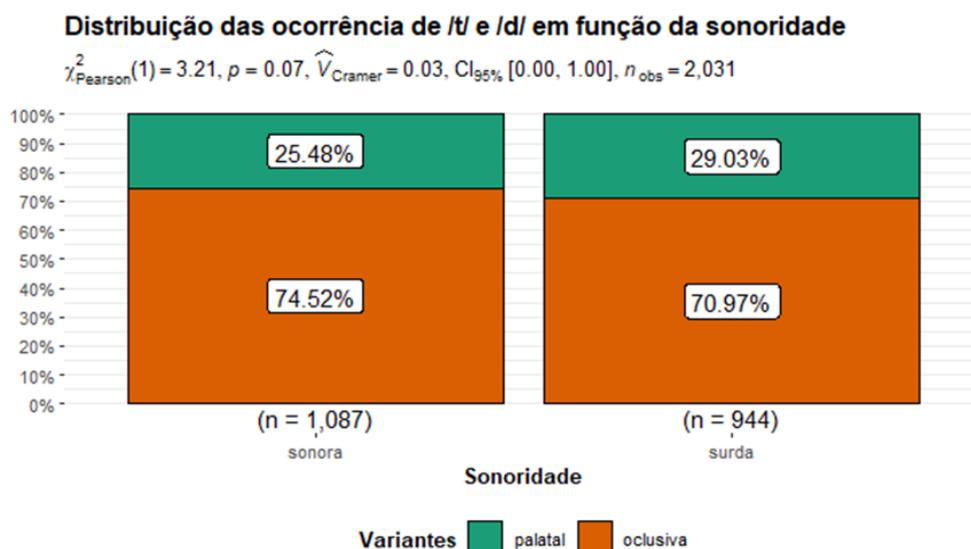
CMP3MI: elas vivem ali

CMP3MI: elas vie-vivem ali

No último excerto, o participante quase troca o verbo vivem para vieram que também faz parte dos distratores usados.

alveolar sonora /d/. Estudos anteriores mostraram que a consoante oclusiva alveolar surda /t/ favorece a realização da variante palatal. A nossa hipótese é que, seguindo os resultados destes estudos na mesma comunidade (SOUZA, 2016; CORRÊA, 2019; SILVA, 2021), a consoante oclusiva alveolar surda /t/ mantenha-se à frente favorecendo a palatalização. O gráfico 3 apresenta a distribuição dos resultados na amostra de entrevistas sociolinguísticas.

Gráfico 3: Distribuição das ocorrências de palatalização em entrevistas sociolinguísticas (estudo 1) quanto à sonoridade



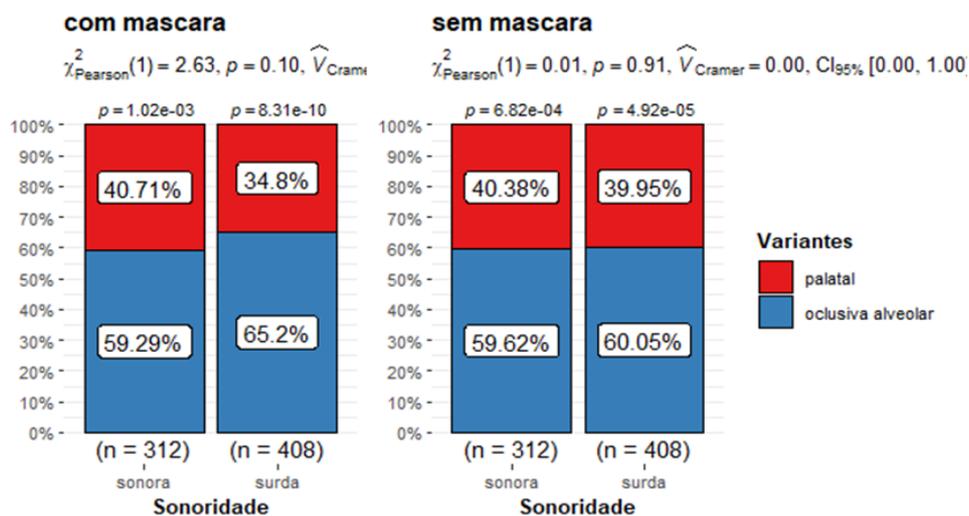
Fonte: Elaboração própria.

Os resultados mostram que, seguindo os estudos anteriores, a consoante alveolar surda /t/ favorece a palatalização, com 29,02% de 944 ocorrências, enquanto a consoante alveolar sonora representou 25,48% de 1.097 ocorrências, confirmando a nossa hipótese.

A explicação para as consoantes oclusivas alveolares surdas favorecerem mais a palatalização está voltada a como essas consoantes (a oclusiva surda e a palatal) são produzidas, ou seja, é articulatória. Uma vez que a energia na produção da consoante oclusiva alveolar surda é concentrada na parte anterior da cavidade bucal, assim como a produção da consoante palatal (CORRÊA, 2019; SILVA, 2021). Além disso, Silva (2021) constatou que nas ocorrências das oclusivas vozeadas não há registro das oclusivas aspiradas, o que sinaliza uma possível marca de transição da variável oclusiva alveolar para a palatal.

Quanto ao estudo experimental, foram obtidos os resultados reportados no gráfico 4.

Gráfico 4: Distribuição das ocorrências de palatalização em leitura (estudo 2) quanto à sonoridade



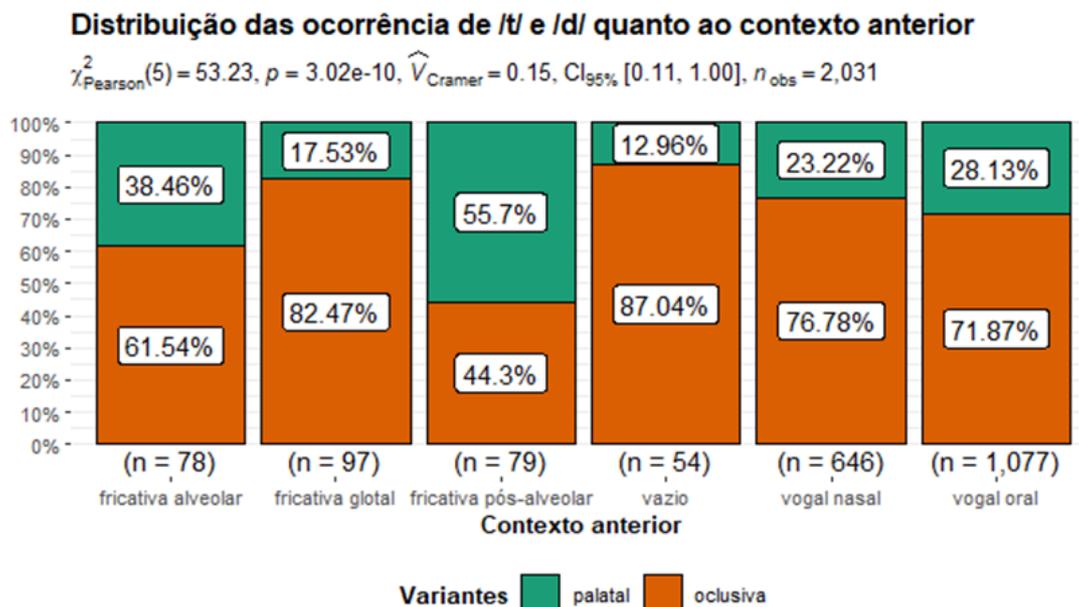
Fonte: Elaboração própria.

A distribuição das ocorrências quanto à sonoridade no estudo experimental é similar, porém a consoante sonora /d/ na variante palatal obteve com 40,71% de ocorrências, resultado que difere dos estudos anteriores. O que pode ter influenciado esse resultado foram os estímulos, uma vez que 7 dos 10 itens lexicais escolhidos para a produção dos estímulos tinham a consoante sonora /d/.

4.2 Contexto anterior

Com essa variável visamos controlar o efeito do contexto anterior as consoantes /t/ e /d/ no condicionamento da palatalização. Considerando os resultados de Corrêa (2019) e Silva (2021), nossa hipótese para esta variável é de que quando as fricativas alveolares [s, z] antecedem as consoantes /t/ e /d/, há um aumento nas realizações palatais.

Gráfico 5: Distribuição das ocorrências de palatalização em entrevistas sociolinguísticas (estudo 1) quanto ao contexto anterior



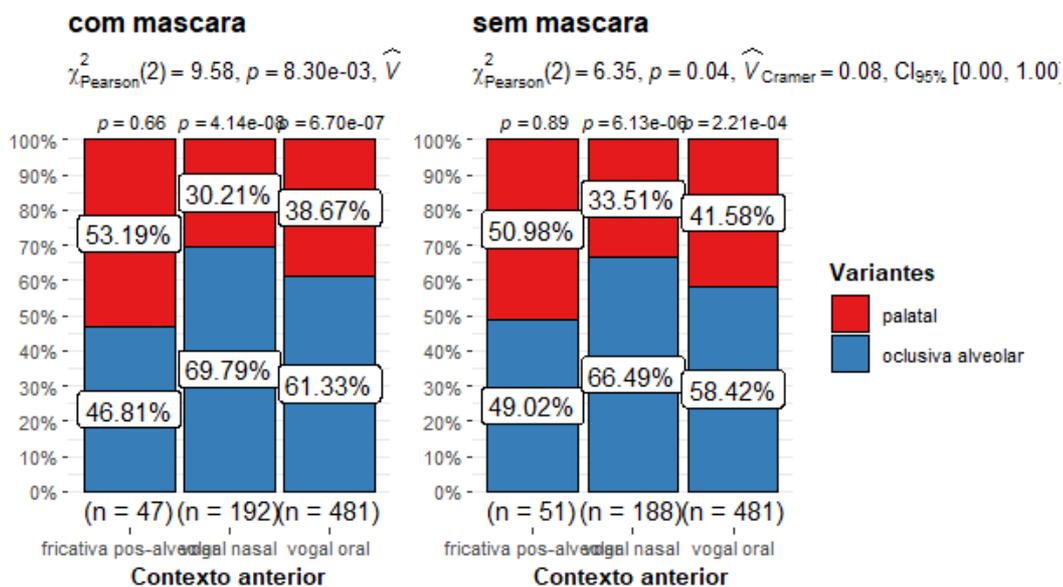
Fonte: Elaboração própria.

Os resultados do gráfico 5 mostram as fricativas pós-alveolares como o contexto anterior com maior percentual de realização palatal na amostra de entrevistas sociolinguísticas, com 55,7% de ocorrências, enquanto as alveolares (segunda maior frequência da realização palatal) correspondem à 38,46% das ocorrências. Esse resultado pode ser explicado devido ao ponto de articulação da consoante palatal e das consoantes pós-alveolares serem próximos.

No entanto, este resultado vai no caminho contrário dos estudos anteriores (SOUZA, 2016; CORRÊA, 2019; SILVA, 2021), em que as fricativas alveolares predominam como contexto para a palatalização enquanto contexto anterior. Nestes estudos as fricativas pós-alveolares apareciam como o segundo contexto com maior realização da variante palatal. Por isso, ressalta-se a importância de se levar em consideração a diferença entre as duas amostras.

No gráfico 6 são apresentados os resultados do estudo experimental, quanto à variável contexto anterior, e a sua interação com o uso de máscara facial durante a leitura de segmentos palatais.

Gráfico 6: Distribuição das ocorrências de palatalização em leitura (estudo 2) quanto ao contexto anterior



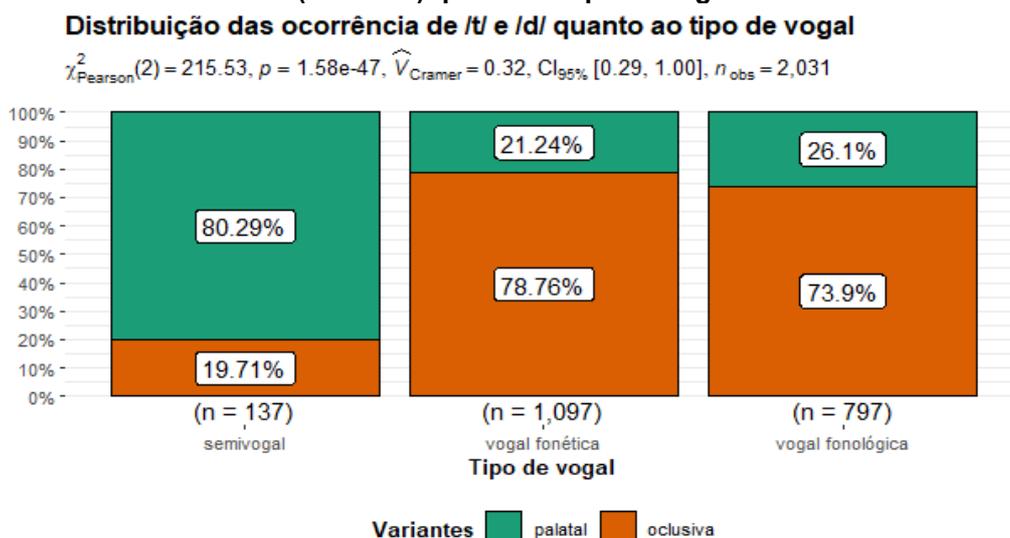
Fonte: Elaboração própria.

Os resultados referentes a essa variável quanto ao efeito do uso da máscara facial na produção não são estatisticamente significativos. Seguem, contudo, o mesmo padrão identificado no estudo 1, em que o grupo das fricativas pós-alveolares computa 53,19% das ocorrências de palatais com máscaras, e 50,98% sem máscaras. Destacamos novamente as limitações do estudo, nesse caso, houve contextos anteriores a serem analisados do que no estudo 1.

4.3 Tipo de vogal

O controle do tipo de vogal tem como objetivo identificar qual tipo de vogal gatilho leva à maior frequência da variante palatal. Para isso, controlamos três tipos de vogal: a vogal fonológica /i/, a fonética [i] derivada de /e/ e a semivogal /y/. Considerando os resultados da pesquisa de Corrêa (2019), temos por hipótese que a semivogal /y/ favorece a realização da variante palatal com mais frequência que as demais vogais.

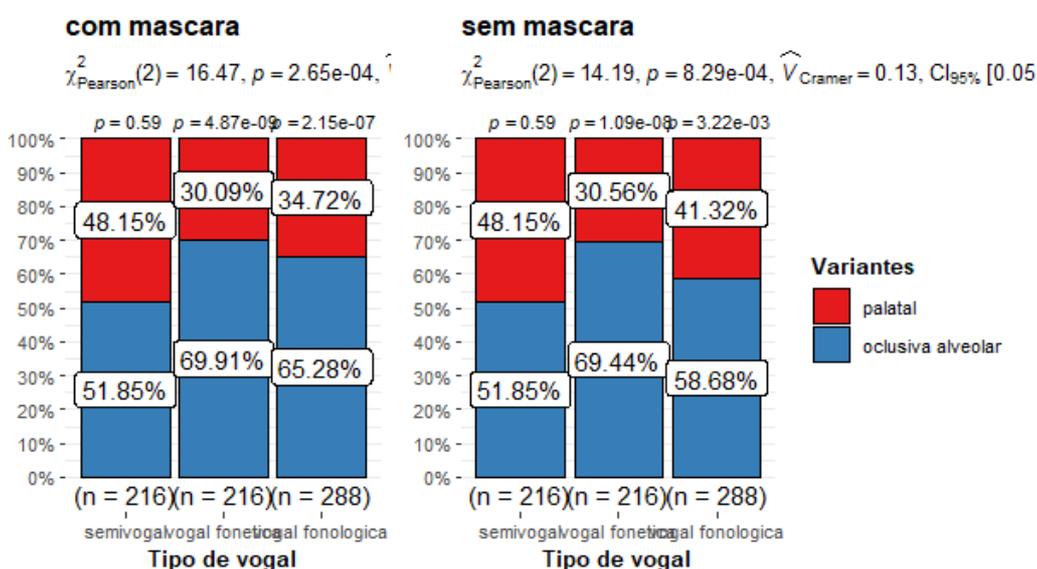
Gráfico 7: Distribuição das ocorrências de palatalização em entrevistas sociolinguísticas (estudo 1) quanto ao tipo de vogal



Fonte: Elaboração própria.

No estudo 1, com entrevistas sociolinguísticas, os resultados obtidos e apresentados no gráfico 7 confirmam a hipótese, mostrando que a semivogal /y/ depois das consoantes /t/ e /d/ favorece a realização da variante palatal com 80,29% das realizações, ficando à frente da vogal fonética [i], com 21,23% de realizações, e da vogal fonológica /i/ com 26,09% de realizações. No estudo experimental envolvendo as condições de uso da máscara facial, os resultados para esta variável estão apresentados no gráfico 8.

Gráfico 8: Distribuição das ocorrências de palatalização em leitura (estudo 2) quanto ao tipo de vogal



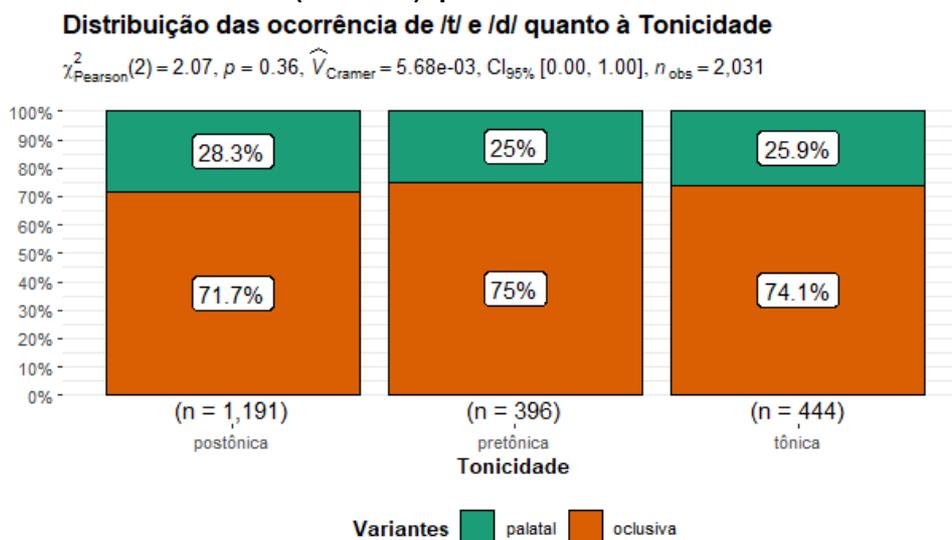
Fonte: Elaboração própria.

A diferença entre as condições experimentais e com e sem máscara não se mostrou estatisticamente significativa, mas, assim como na amostra 1, o grupo das semivogais computou a maior frequência da palatalização.

4.4 Tonicidade

O controle da variável tonicidade tem por objetivo identificar em que posição na palavra ocorre maior palatalização das consoantes /t/ e /d/. Para isso, controlamos três posições: tônica (*assisti*, *armadilha*), pretônica (*cativoiro*, *dinheiro*) e postônica (*diferente*, *universidade*). Temos por hipótese que, seguindo os resultados de Souza (2016) e Corrêa (2019), as consoantes em posição postônica apresentem a maior frequência de realização da variável palatal. Os resultados para esta variável na amostra de entrevistas sociolinguísticas (estudo 1) são apresentados no gráfico 9.

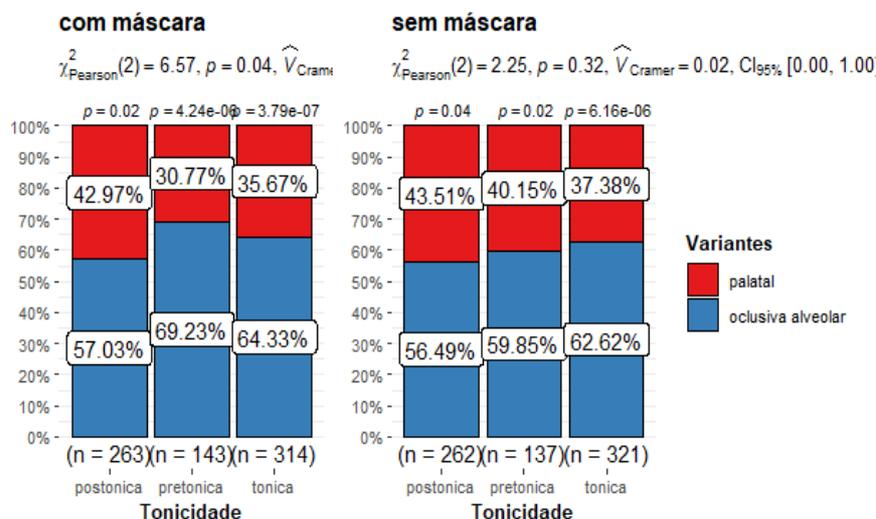
Gráfico 9: Distribuição das ocorrências de palatalização em entrevistas sociolinguísticas (estudo 1) quanto à tonicidade



Fonte: Elaboração própria.

Assim como nos estudos anteriores, o grupo das postônicas, com 28,3% de ocorrências, foi o que mais computou a realização da variável palatal; em seguida, o grupo das tônicas com 25,9% de ocorrências e, por último, o grupo das pretônicas com 25% de ocorrências. Para o estudo experimental, com as condições com e sem máscara na leitura, os resultados estão apresentados no gráfico 10.

Gráfico 10: Distribuição das ocorrências de palatalização em leitura (estudo 2) quanto à tonicidade



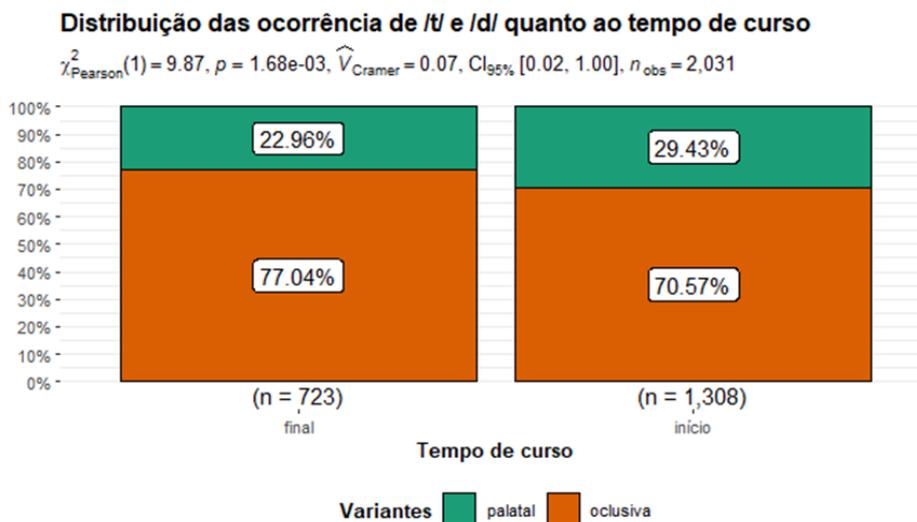
Fonte: Elaboração própria.

Nesta variável, houve uma diferença quanto à posição pretônica, em que a palatalização foi mais frequente na condição experimental com máscara, única diferença estatisticamente significativa encontrada no estudo experimental. Este resultado pode sugerir efeito da máscara na mudança linguística, já que a tonicidade tem a ver com a força de ar empregada na produção do segmento sonoro, e houve mais emprego desta força na condição com máscara, sugerindo uma leve evidência do efeito deste dispositivo na mudança linguística.

4.5 Tempo de curso

O controle do tempo do curso permite observar se a exposição à variedade linguística da comunidade e dos seus padrões de prestígio e estigma interfere na realização das oclusivas /t/ e /d/; a hipótese é que quanto maior o tempo de inserção na comunidade mais recorrente será a realização da variante palatal, seguindo o estudo apresentado por Corrêa (2019), já que a variante palatal é associada ao prestígio.

Gráfico 11: Distribuição das ocorrências de palatalização em entrevistas sociolinguísticas (estudo 1) quanto ao tempo de curso

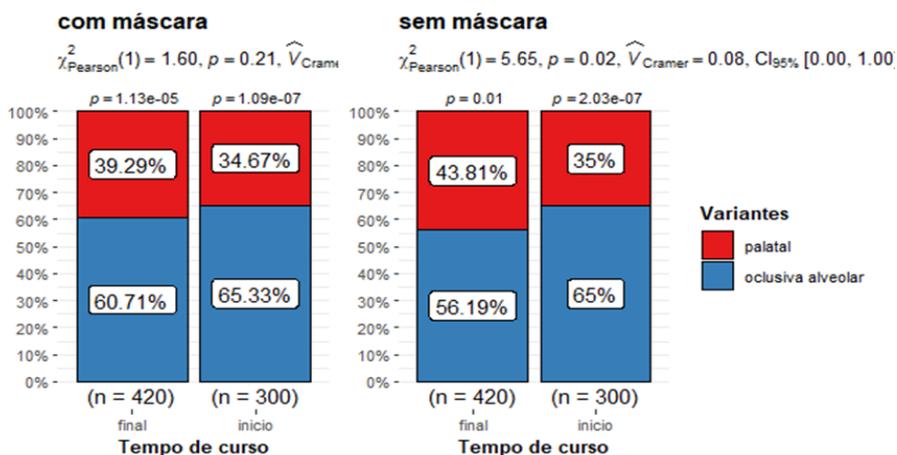


Fonte: Elaboração própria.

No gráfico 11, apresentamos os resultados do efeito do tempo de curso na palatalização de entrevistas sociolinguísticas. Embora a diferença não seja estatisticamente significativa, 29,43% das realizações das consoantes /t/ e /d/ no início (do primeiro período ao quarto) do curso são palatais, contra 22,95% realizações oclusivas alveolares no final (do sétimo ao décimo) do curso. Esses resultados diferem daqueles obtidos por Corrêa (2019), na mesma comunidade, mas em uma coleta realizada um ano antes.

Os resultados do estudo experimental, com a leitura de estímulos na situação com e sem máscara, estão apresentados no gráfico 12.

Gráfico 12: Distribuição das ocorrências de palatalização em leitura (estudo 2) quanto ao tempo de curso



Fonte: Elaboração própria.

Os resultados do estudo 2, diferentemente dos resultados do estudo 1, mostram que estudantes do final do curso fazem maior uso da variante palatal, corroborando com os resultados de Corrêa (2019). A divergência ressalta as limitações da amostra, bem como a não homogeneidade da estratificação da amostra, o que impede generalizações.

5 Conclusões

Essa pesquisa teve como objetivo analisar os efeitos do uso das máscaras faciais na realização das consoantes /t/ e /d/ diante de vogal fonética [i] derivada de /e/, vogal fonológica /i/ e semivogal /y/ na fala de estudantes da Universidade Federal de Sergipe que nasceram e residem na região metropolitana de Aracaju.

Para alcançar esse objetivo foram realizados dois estudos, um para obter os valores de base na realização das variáveis (oclusiva alveolar e palatal) nessa comunidade, em entrevistas sociolinguísticas coletadas anteriormente à pandemia, e outra coletada com a leitura de estímulos por participantes, em duas condições experimentais, sem e com máscaras. Foi realizada a categorização de oitiva das ocorrências, que foram comparadas às variáveis sonoridade, contexto anterior, tipo de vogal, tonicidade e tempo de curso.

Ao analisar os resultados da amostra 2, as máscaras não influenciaram a realização da variante palatal, exceto a diferença na posição tônica, o que aponta uma sutil evidência para o efeito da máscara como impulsionadora de mudanças linguísticas, como apregoam Freitag e Tejada (2022). Os resultados também evidenciam a necessidade de continuidade dos estudos, com outra amostra e com outros métodos de coleta, em função das limitações da pandemia quanto às regras de distanciamento. Assim, este estudo cumpriu com seu propósito, sendo um estudo experimental nos forneceu informações, especialmente os problemas e as dificuldades, para um estudo posterior sobre os efeitos das máscaras faciais na produção linguística.

6 Perspectivas de futuros trabalhos

O desenvolvimento deste plano de trabalho releva a importância de estudos de análise acústica dos áudios com e sem máscaras, para uma melhor

confirmação a respeito de seus efeitos na produção das consoantes /t/ e /d/ diante de vogal /i/, assim como para a necessidade de delineamento de uma amostra com entrevistas sociolinguísticas com máscaras, para continuidade de comparações.

7 Referências bibliográficas

- ABAURRE, Maria Bernadete; PAGOTTO, Emílio. Consoantes em ataque silábico: palatalização de /t, d/ In: ABAURRE, Maria Bernadete. (Org.) **Gramática do português culto falado no Brasil: a construção fonológica da palavra**. São Paulo: Contexto, 2013, p. 195-236.
- BATTISTI, Elisa. Variação, mudança fônica e identidade: a implementação da palatalização de /t/ e /d/ no português falado na antiga região colonial italiana do Rio Grande do Sul. **Diadorim: Revista de Estudos Linguísticos e Literários**, n.8, p. 103-124, 2011.
- CALLOU, Dinah; LEITE, Yonne. **Iniciação à fonética e a fonologia**. 11ªed. Zahar, Rio de Janeiro, 2009.
- CORRÊA, Thaís Regina de Andrade. **A variação na realização de /t/ e /d/ na comunidade de práticas da UFS: mobilidade e integração**. 2019. 120 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2019.
- COSTA, José Thiago Dantas; FREITAG, Raquel Meister Ko.; TEJADA, Julian. Máscaras pandêmicas: uma revisão sistemática sobre os impactos da máscara sobre o reconhecimento das emoções. **Texto Livre**, v. 16, 2023.
- CRISTÓFARO-SILVA, Thaís. Fonética articulatória consoantes. **Fonologia.org.**, 2021. Disponível em: < <https://fonologia.org/fonetica-articulatoria-consoantes/>>. Acesso em: 04 fev. 2023.
- FREITAG, Raquel Meister Ko; SANTOS, Adelmileise de Oliveira. Percepção e atitudes linguísticas em relação às africadas pós-alveolares em Sergipe. In: LOPES, Norma da Silva; ARAÚJO, Silvana Silva de Farias, FREITAG, Raquel Meister Ko. (Org.). **A Fala Nordestina: entre a sociolinguística e a dialetologia**. São Paulo: Blucher 2016, p. 109-122.
- FREITAG, Raquel Meister Ko. Amostras sociolinguísticas: probabilísticas ou por conveniência? **Revista de Estudos da Linguagem**, v. 26, n. 2, p. 667-686, 2018.
- FREITAG, Raquel Meister Ko. Banco de dados falares sergipanos. **Working Papers em Linguística**, v. 14, n. 2, p. 156-164, 2013.
- FREITAG, Raquel Meister Ko. Reparos na leitura em voz alta como pistas de consciência sociolinguística. **DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, v. 36, 2020b.
- FREITAG, Raquel Meister Ko. **Variáveis categóricas**. 2020a. In: <https://rkofreitag.github.io/Categorica.html>
- FREITAG, Raquel Meister Ko., et al. Desafios da gestão de dados linguísticos e a Ciência Aberta. **Cadernos de Linguística**, v. 2, n. 1, p. e307-e307, 2021.
- FREITAG, Raquel Meister Ko.; TEJADA, Julian. Efeitos das Máscaras Faciais na Interação e a Compensação na Fala. In: FREITAG, Raquel Meister Ko.; ARAUJO,

Silvana, Silva de Farias; DIAS, Valter de Carvalho (Org.). **Desafios para Pesquisa em Sociolinguística**. São Paulo: Blucher, 2022, p. 71-82.

HELLWIG, B.; GEERTS, J. **ELAN** – Linguistic Annotator. Versão 6.4 Disponível em: <<https://archive.mpi.nl/tla/elan/download>>

SILVA, Lucas Santos. **Análise acústica ou de oitiva? Contribuições para o estudo da palatização em Sergipe**. 2021. 117 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2021.

SOUZA, Gládison Garcia Aragão. **Palatalização de oclusivas alveolares em Sergipe**. 2016. 76 f. Dissertação (Pós-Graduação em Letras) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2016.